

Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches. CAMERON, Catherine M. & TOMBA, Steve A. (Eds.). Cambridge University Press, London, 1993. (New Directions in Archaeology). 201 páginas, 81 figuras, índice. ISBN 0521574692.

Resenhado por Flávia Prado Moi, mestrandanda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP.

“Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches” é o resultado de uma série de papers preparados para dois simpósios da Society of American Archaeology - “Abandonment Processes: Structures and Sites” e “Abandonment Processes: Seasonal Variation and Regional Mobility” -, realizados em 1990 em Las Vegas, Nevada, e que adotaram a perspectiva do comportamento de abandono como um processo envolvido na formação do registro arqueológico. Dentro deste contexto, esta publicação, editada por Catherine Cameron e Steve Tomka, traz 13 estudos de caso apresentados de acordo com a divisão estabelecida pelos simpósios da SAA: processos de abandono em Arqueologia e Etnoarqueologia desenvolvidos em escala regional e intra-sítio.

Os estudos de caso de abandono regional em Etnoarqueologia, foram realizados em comunidades bastante diversificadas cultural e espacialmente, como os grupos agropastoris das terras altas andinas na Bolívia (Tomka S.), os Rarámuri do sudoeste do México (Graham M.) e da vila Iraniana de Khar o Tauran (Horne L.), os acampamentos dos caçadores-coletores Basarwa e Bakgalagadi de Botswana (Kent S.) e os agricultores Anasazi do Colorado, nos Estados Unidos (Stone G.). Estes trabalhos enfatizam as diferentes formas do uso e disponibilidade dos recursos da área, as estratégias de mobilidade, assim como os fatores tecnológicos, socioculturais e ideológicos,

relacionados aos comportamentos de abandono e, conseqüentemente, à formação de sítios arqueológicos, e demonstram que a instabilidade ocupacional apresentada pelos modelos etnoarqueológicos podem, em sítios arqueológicos, ocasionar uma superestimação da população de uma região ou assentamento, ou da capacidade de suporte do meio.

Os artigos direcionados ao estudo do abandono regional em Arqueologia, lidam com sítios cultural, espacial e temporalmente distintos: os Hohokam do Arizona (Fish S. e Fish P.), os assentamentos da idade do bronze em Portugal (Lillios K.) e os Anasazi, também estudados pela Etnoarqueologia (Schlanger e Wilshusen). Em todos eles, a principal preocupação é entender, em larga escala, como fatores tecnológicos e ambientais estão relacionados às formas de ocupação e abandono de uma região. Para tanto, estes estudos de caso lançam mão não só de dados arqueológicos como também paleobotânicos e etnográficos.

As pesquisas etnoarqueológicas desenvolvidas intra-sítio exploraram os processos de abandono e seus efeitos sobre o padrão distributivo das evidências arqueológicas tanto em assentamentos continuamente ocupados, quanto naqueles recentemente abandonados, e demonstraram que o comportamento do abandono é fundamental para definir formação de refúgio em estruturas domésticas. As comunidades estudadas são pequenas vilas dos fazendeiros Zuni do Novo México (Rothschild, Mills, Ferguson, Dublin) e em Oaxaca, na costa Mexicana banhada pelo Pacífico (Joyce e Johannessen). Por último, são apresentados os estudos de caso de abandono intra-sítio em arqueologia, desenvolvidos por Montgomery entre os pueblos Chodistaas do Arizona, Lightfoot em um sítio Anasazi do período Pueblo I, do Colorado, e Brooks entre as sociedades sedentárias nativas americanas na região das grandes planícies dos Estados Unidos. Estas pesquisas procuraram realizar, através dos vestígios materiais e da observação de dados etnográficos e etno-históricos, um refi-

namento nos métodos e critérios para melhor identificar os processos de abandono e as condições da formação do registro arqueológico.

Ao apresentar estes estudos de caso sobre processos de abandono em Etnoarqueologia e Arqueologia regional e intra-sítio, um grande mérito desta publicação, é o de mudar a ênfase na visão do abandono somente como um acontecimento rápido e catastrófico - evento único na história de ocupação de um sítio -, a favor de um enfoque que prioriza a compreensão do comportamento humano e do abandono como um processo gradual e planejado, e que está envolvido nos processos de formação de sítios arqueológicos.

Além disso, demonstra a importância dos estudos etnoarqueológicos para a arqueologia, que, ao fornecer modelos elaborados entre povos cultural, temporal e espacialmente diferentes, tornou possível perceber regularidades e padrões no comportamento de abandono, que levam a processos de formação de sítios arqueológicos que independem de culturas ou regiões específicas, podendo, portanto, ser utilizados para outros povos em outras épocas e regiões. Ao explicitar a relação entre a cultura material e o comportamento, a Etnoarqueologia funciona como uma ponte entre padrões arqueológicos estáticos e padrões de comportamento dinâmicos, fornecendo modelos que podem auxiliar a interpretação arqueológica, uma vez que amplia suas possibilidades interpretativas ao considerar todas as informações observáveis no comportamento humano.

Disease and demography in the Americas.

VERANO, John W. & UBELAKER, Douglas H. Smithsonian Institution, Smithsonian Institution Press, Washington D.C. 1992. 294 páginas. ISBN 1-56098-401-5.

Resenhado por Francisco Silva Noelli, do Programa Interdisciplinar de Estudos de População, Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Com 24 trabalhos apresentados no

simpósio “Disease and demography in the Americas, changing patterns before and after 1492”, realizado nos Estados Unidos, o livro contém principalmente estudos sobre o impacto das doenças epidêmicas introduzidas pelos europeus e disseminadas entre os povos ameríndios, assim como seus efeitos sobre as demografias nativas. É uma síntese de pesquisas desenvolvidas na década de 80, cujos autores estão entre os que vêm contribuindo para modificar as concepções tradicionais sobre o tamanho das populações, a partir de enfoques que alertam para a necessidade de se considerar a ação das doenças sobre povos indígenas em diversos momentos do contato com os europeus. Partem do princípio que organização social, economia, vida cotidiana, relações políticas intra e inter-aldeã, guerra, redes de comércio, processos de conquista européia e as alianças que deram origem as sociedades coloniais foram diretamente afetadas e influenciadas pelas epidemias.

A principal diferença em relação aos estudos generalistas que predominaram nos anos 60 e 70 é a abordagem regional, interdisciplinar por excelência, usando intensamente bases de dados arqueológicas, estudos de antropologia física e a maior quantidade possível de documentos escritos, em cada área de estudos. O objetivo é buscar informações que representem com menor margem de erro os tamanhos de uma mesma população através do tempo, desde os primeiros contatos com os brancos ou suas doenças (estas, muitas vezes chegaram antes dos europeus). Um dos avanços é a geração de mapas que localizam os assentamentos indígenas contemporâneos dos brancos e das doenças, para que se possa observar com precisão os padrões de disseminação das enfermidades e o modo como os agrupamentos nativos diminuem, desaparecem ou se reagrupam em função da ação simultânea de doenças/guerras/mita/encomienda, etc. Outro avanço é a identificação das conseqüências dos eventos epidêmicos na cultura ma-

terial e na população esquelética, tanto nos enterramentos quanto em outras áreas dos assentamentos. Ao mesmo tempo, os progressos na detecção de vestígios de doenças em esqueletos contribuem para: 1) confirmar documentos escritos; 2) definir patologias descritas criptograficamente por cronistas, dificultando objetivamente sua identificação após 500 ou 300 anos; 3) complementar ou corrigir as fontes escritas. Os arqueólogos desta coletânea dão exemplos de manejo erudito das fontes escritas, superando inclusive os historiadores, ao apresentar métodos complexos e, ao mesmo tempo muito objetivos, de como abordar seus estudos sob enfoques históricos, médicos, arqueológicos, sociológicos, demográficos, ecológicos, etc.

Vistas em conjunto, a maioria das contribuições de *Disease and demography* revelam que uma série de doenças agindo isoladas ou em conjunto serviram para eliminar ou reduzir as populações indígenas, em proporções muito mais acentuadas que a guerra e a escravidão, bem como desestruturaram, modificaram ou extinguiram padrões locais de organização das sociedades, do trabalho, política e economia. Muitas vezes, como se pode verificar neste livro bem escrito e editado, as doenças acometeram severa e letalmente, assolando regiões de tal modo que imediatamente após a chegada dos europeus houveram transformações tão drásticas que em muitos casos os primeiros cronistas já documentaram populações bastante modificadas pelas epidemias introduzidas pelos europeus.

O Brasil está mediocrementemente representado por Betty Meggers, que apresenta estudo de “densidade demográfica” na bacia do Tocantins. Sem nenhum sítio escavado, com pequenas prospecções e níveis artificiais (10-20 cm), sem base de dados convincente, ela sugere “movimentos centrípetos” de aldeias, a partir de seriações cerâmicas e 10 datas C14 para 23 sítios arqueológicos. Meggers usa especulações so-

bre tamanho da população amazônica feitas por J. Steward, J. Comas, W. Denevan e E. Morán, para repetir suas conhecidas proposições e idéias deterministas já obsoletas (cf. Roosevelt, 1991, 1995; Neves, 1995, 1998; Heckenberger, 1998). Meggers segue usando acriticamente informações fragmentárias, geralmente descontextualizadas, de populações atuais, como exemplo para refletir eventos pré-históricos. Ela realiza parte de sua interpretação dos “movimentos centrípetos” a partir das mudanças de aldeia Mekragnoti bem estudadas por Gustaf Verswijver, basicamente causadas pela influência da pressão branca ao longo de 77 anos, a partir de 1900.

De resto, o livro coordenado por Verano & Ubelaker contém excelentes trabalhos com importes exemplos aos arqueólogos brasileiros, especialmente para aqueles estudam os contextos e eventos situados nos últimos 500 anos e que estão tentando abandonar os limites do padrão de pesquisa e reflexão arqueológica proposto por Meggers e imposto por aqueles que a seguiram no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HACKENBERGER, M. 1988. Manioc agriculture and sedentism in Amazonia: the Upper Xingu example. *Antiquity*, Cambridge, 72(277):633-648.
- NEVES, E. G. 1995. Village fissioning in a Amazonia: a critique of monocausal determinism. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5:195-209.
- NEVES, E. G. 1998. Twenty years of Amazonian archaeology in Brazil (1977-1997). *Antiquity*, Cambridge, 72(277):625-632.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In NEVES, W. A. (Org). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: SCT/CNPq/

Museu Paraense Emílio Goeli, p.103-141.

ROOSEVELT, A. C. 1995. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In: BARNETT, W. K. & HOOPES, J. (Eds). *The emergence of pottery: technology and innovation in ancient societies*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press. p.115-131.

Zooarchaeology. REITZ, Elizabeth J. & WING, Elizabeth S. Cambridge University Press. Cambridge. UK. 1999. (Cambridge Manuals in Archaeology). 438 páginas. ISBN:0-52148529-0. US\$34.00.

Resenhado por Márcia Bezerra de Almeida, pesquisadora associada do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e bolsista do CNPq (Doutorado MAE/USP).

“Zooarchaeology” escrito por duas das mais importantes zooarqueólogas americanas é uma obra de referência fundamental para os pesquisadores desta subdisciplina da Arqueologia. Elizabeth Reitz, diretora do Museu de História Natural da Universidade da Georgia, é conhecida por sua contribuição à zooarqueologia em sítios históricos nos Estados Unidos. Elizabeth Wing, curadora do Museu de História Natural da Universidade da Flórida, há décadas se dedica ao estudo de restos faunísticos de sítios situados no sudeste americano e na América Latina. Através de coleção hipotética criada a partir de dados provenientes de um sítio histórico na Flórida, as autoras mostram passo a passo o caminho do zooarqueólogo. As inúmeras ilustrações ao longo do livro enriquecem o texto e constituem excelente material didático. Dividido em 11 capítulos e 4 apêndices traz em sua bibliografia farto material atualizado na subdisciplina.

O livro inicia-se com capítulo “Zooarchaeology” que traduz o entendimento das autoras sobre a Zooarqueologia e introduz alguns termos utilizados ao longo do livro. A multidisciplinariedade é considera-

da à luz da afirmação, bastante discutível, de que profissionais de outras áreas - tais como ecólogos, veterinários e cientistas agrícolas entre outros - podem desenvolver estudos sobre restos faunísticos.

“Zooarchaeological History and Theory” traça um histórico da Zooarqueologia - dando ênfase aos Estados Unidos - através da influência de diversas correntes teóricas desde o determinismo ambiental até a ecologia histórica. Sob o subtítulo: “Others Approaches” menciona-se brevemente o pós-processualismo. A aplicação de MRT, o uso de modelos ecológicos e CRM são citados como preocupações recentes na Zooarqueologia. “Basic Biology”, o terceiro capítulo, é dedicado à noções de biologia fundamentais à identificação das amostras. Questões básicas de taxonomia e indicação de suporte literário indispensável são alguns dos pontos abordados. Os aspectos anatômicos, apresentados de forma ilustrativa, contemplam todas as classes de animais. As variações anatômicas são demonstradas por inúmeros gráficos e esquemas explicativos. O capítulo 4 “Ecology”, aborda de forma detalhada o comportamento animal considerando pontos como diversidade e produtividade acompanhados de gráficos e tabelas importantes para o entendimento dos ecossistemas.

Em “Disposal of Faunal Remains and Sample Recovery”, capítulo 5, os processos tafonômicos são apresentados de maneira sintética e clara e as modificações observadas nos espécimes - tanto vertebrados como invertebrados - são descritas minuciosamente e acompanhadas de ilustrações sob forma de desenhos e/ou fotografias. Aspectos fundamentais à Zooarqueologia como as técnicas de recuperação das amostras são enfatizados.

Os capítulos 6 e 7 “Gathering Primary Data” e “Secondary Data” respectivamente, têm como base a coleção hipotética já citada. Os dados primários referem-se à identificação de elementos e identificação taxonômica. É ressaltada a importância da coleção de referência e sugerido modelo de

ficha para identificação das espécies assim como um pequeno roteiro que inclui um esquema de identificação das partes anatômicas, seguido de dados sobre sexo e idade, observação de patologias, modificações na estrutura anatômica, medidas e estimativas de peso. Os dados secundários compreendem as análises quantitativas. Discute-se MNI e NISP através da coleção hipotética e de vasta revisão da literatura. O capítulo 8 “Human as Predators: Subsistence Strategies and Other Uses of Animals”, inicia-se com uma discussão sobre nutrição, menu, dieta e culinária. A partir daí são abordadas estratégias de aquisição de alimentos, padrões de mobilidade, indicadores sazonais e tecnologia - aí incluídas as técnicas e instrumentos de captura de animais - e processamento de alimentos. Destaque para as armas e armadilhas de grupos de Madagascar, Alaska, Estados Unidos, Canadá e Austrália que ilustram este capítulo. A última parte trata de sistemas de troca e um rápido olhar sobre os animais como símbolos e potenciais reveladores de status, etnicidade e sistema de crenças. “Control Animal Through Domestication”, capítulo 9, oferece um panorama geral do processo de domesticação animal - especialidade de Elizabeth Wing. Uma tabela com as principais espécies domesticadas é apresentada logo após uma breve discussão sobre estudos de DNA. Os processos de domesticação e uso dos animais são demonstrados através de exemplos interessantes como a utilização de astrágalo de mamífero como material de construção de cidades medievais. “Evidence for Environmental Conditions” refere-se às mudanças na paisagem provocadas pela ação humana causadas pela agricultura, criação de animais e processos de colonização.

As autoras finalizam salientando a necessidade de uniformidade metodológica e maior aprofundamento teórico através do aumento de pesquisas e publicações. Os 4 apêndices são: 1) lista taxonômica dos animais citados; 2) Desenhos anatômicos; 3) Coleções de referência,

manuseio das coleções arqueológicas em campo e laboratório, curadoria de coleções, checklist dos relatórios de zooarqueologia e lista dos principais periódicos existentes (Merecia um capítulo no corpo do livro) 4) Quantificações relativas à coleção hipotética. “Zooarchaeology” é um detalhado manual que contempla de forma didática e objetiva questões importantes da Zooarqueologia hoje. O texto é repleto de referências bibliográficas permitindo ao leitor acesso à informações específicas. Enfim, um livro obrigatório para qualquer pesquisador que se lance no caminho da Zooarqueologia.

Pré-história da Terra Brasilis. Maria Cristina Tenório (Org.). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999. 20 x 20 cm. 376 páginas.

Resenhado por Pedro Ignácio Schmitz. Instituto Anchieta de Pesquisas, bolsista do CNPq.

A comemoração dos 500 anos de Brasil oferece uma oportunidade incomum para lembrar o que foi esta terra antes da colonização portuguesa e oferecer um panorama de sua história. Apesar de eventuais notícias nos meios de comunicação social e de inúmeros artigos, comunicações e relatos técnicos dos profissionais da arqueologia brasileira, os doze mil anos de história das populações pré-coloniais são quase desconhecidos pelas camadas populares e pelos frequentadores das universidades. O último trabalho abrangente sobre o assunto, de André Prous (UFMG), editado pela Universidade de Brasília, sob o título de Arqueologia Brasileira (1992), veicula predominantemente dados anteriores a 1982, quando o texto geral ficou pronto. Bons textos regionais, atualizados, também são raros, valendo a pena destacar o excelente trabalho de Gabriela Martin, intitulado Pré-história do

Nordeste do Brasil (Recife, UFPE, 1996) e o volume chamado *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991), coordenado por Arno Alvarez Kern (PUCRS).

O novo livro oferece um panorama e atualiza as informações e conhecimentos sobre a história anterior à colonização portuguesa, através da colaboração de um número representativo de profissionais, convidados a cobrir os principais temas, períodos e regiões desse Brasil.

O volume divide-se em uma introdução, da organizadora e quatro partes de extensão desigual.

Na parte I André Prous oferece a definição e o histórico da Arqueologia.

Na parte II Anna Roosevelt (Field Museum of Natural History e University of Illinois at Chicago) fala sobre o povoamento da América e a posição do Brasil nesse povoamento.

A parte III, intitulada “Pré-história do Brasil”, é o miolo do volume e abrange cinco capítulos. – O capítulo 1, os caçadores mais antigos, tem trabalhos de Pedro Ignácio Schmitz (IAP/UNISINOS) sobre a questão do páleóindio e de Anne-Marie Pessis (Fundação do Homem Americano) sobre a pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. – O capítulo 2, os caçadores-coletores, tem artigos de Pedro Augusto Mentz Ribeiro (FURG) sobre o sul do Brasil e sobre Roraima; Pedro Ignácio Schmitz sobre o Brasil Central; André Prous sobre Minas Gerais; Leila M. Serafim Pacheco & Paulo Tadeu de Souza Albuquerque (UFRN) sobre o Lajedo da Soledade (RN). – O capítulo 3, os pescadores-coletores-caçadores, tem um artigo de Pedro Ignácio Schmitz sobre o povoamento do Pantanal do Mato Grosso do Sul. – O capítulo 4, os pescadores-coletores-caçadores do litoral, tem trabalhos de Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional) sobre os ocupantes pré-históricos; de Sheila M. Ferraz Mendonça de Souza (ENSP/FIOCRUZ) sobre anemia e adaptabilidade;

de Verônica Vesolosky (USP) sobre práticas funerárias; de Levy Figuti (MAE-USP) sobre economia/alimentação; de Márcia Barbosa (Museu Nacional) sobre reconstituição espacial; de Lina Maria Kneip (Museu Nacional) sobre a pré-história de Saquerema; de Maria Critina Tenório (Museu Nacional) sobre os fabricantes de machados; de Maria Dulce Gaspar & Maura Imazio (Museu Goeldi) sobre os sítios do litoral norte do Brasil. – O capítulo 5, os horticultores, tem trabalhos de Maria Cristina Tenório sobre coleta, processamento e início da domesticação de plantas no Brasil; de Paulo A.D. De Blasis (USP) sobre a transição de caçadores para horticultores no vale do Ribeira do Iguape; de Pedro Ignácio Schmitz sobre o Guarani; de Érika M. Robrahn-González (MAE-USP) sobre a diversidade cultural entre os grupos ceramistas do Sul-Sudeste do Brasil; de Angela Buarque (Museu Nacional) sobre a cultura Tupinambá no Rio de Janeiro; de Irmhild Wüst (UFGO) sobre as aldeias de agricultores ceramistas do Centro-Oeste; de Pedro Augusto Mentz Ribeiro sobre os horticultores de Roraima; de André Prous sobre os agricultores de Minas Gerais; de Eduardo Góes Neves (USP) sobre duas interpretações da ocupação da Amazônia.

Na parte IV Edna June Morley fala sobre preservação de sítios arqueológicos.

O livro é uma boa amostra (com algumas ausências notáveis) da comunidade arqueológica, de suas realizações, suas concordâncias e discordâncias.

Bem impressa, escrita em linguagem simples, com as ilustrações necessárias, a obra é recomendável para qualquer pessoa interessada na história do Brasil antes da colonização portuguesa. Quer se busque o desenvolvimento global, quer o de uma região determinada, o livro proporciona informações atuais e sedimentadas. Ele é especialmente bem-vindo para o estudo da chamada pré-história do Brasil no nível da universidade.

Explorations in American Archaeology. Essays in Honor of Wesley R. Hurt. PLEW, Mark G. (Ed.). Lanham, New York, Oxford : University Press of America, Inc. XXIV e 326 p. il. 1998.

Resenhado por Pedro Ignácio Schmitz. Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, bolsista do CNPq.

O volume é uma *Festschrift* em homenagem a Wesley R. Hurt por ocasião de seus oitenta anos de vida (1917-1997). O homenageado é uma personalidade muito conhecida no mundo da arqueologia americana por suas atividades de pesquisa, docência e administração, que começou muito cedo, na década de 1930, resultou em inúmeras publicações e só terminou com a sua morte. O maior volume de seus trabalhos esteve sempre ligado a populações da América do Norte, mas a presença na América do Sul foi igualmente marcante. Pesquisou na Colômbia (savana de Bogotá), no Uruguai (projeto Salto Grande) e no Brasil. Aqui fez escavações e treinou pessoal na região de Lagoa Santa, MG (1956), Paranaguá, PR (1958 e 1959), Santa Catarina (1966), Rio de Janeiro (1979 e 1986), Bahía (1985, 1987 e 1988).

O volume se compõe de um prefácio feito por Richard S. MacNeish, uma biografia do homenageado e doze capítulos, sendo o primeiro a introdução do editor. O fato de só quatro capítulos tratarem da arqueologia da América do Norte e sete capítulos da arqueologia da América do Sul mostra a importância do homenageado nos setores nos quais aqui trabalhou.

Os artigos que tratam da arqueologia na América do Sul podem ser agrupados ao redor de dois temas: populações do fim do Pleistoceno e começo do Holoceno e sítios litorâneos. No primeiro tema existe um trabalho de Ruth Gruhn e Alan L. Bryan intitulado *Uma avaliação da Edge-trimmed tool tradition* (capítulo 3), um de Thomas F. Lynch intitulado *Os estágios do páleo-índio e do arcaico na América do Sul: zonas de*

continuidade e de separação (capítulo 5), um de Channah José Nieuwenhus intitulado *Não atrativas, mas eficientes: lascas pontudas não retocadas como pontas de projétil? Uma visão mais cuidadosa sobre os artefatos abrienses e tequendamienses* (capítulo 7), um de A.C. Roosevelt intitulado *Ocupações paleoindígenas e arcaicas no Baixo Amazonas, Brasil: resumo e comparações* (capítulo 8). No segundo tema os trabalhos são de Teresa Cristina de Borges Franco, intitulado *Atividade de pesca pré-histórica no Brasil: uma síntese* (capítulo 2), de Pedro Ignácio Schmitz intitulado *Povoamento do litoral meridional do Brasil* (capítulo 9), de Maria Cristina Tenório intitulado *Abandono de sítios costeiros brasileiros: por que abandonar o paraíso?* (capítulo 10).

Prestando merecida homenagem a um destacado arqueólogo, o livro junta trabalhos sobre temas importantes, que exigem comunicação e diálogo muito além das fronteiras nacionais.

La Préhistoire. Marcel Otte avec contribution de Denis Vialou et Patrick Plumet. Paris, Bruxelles: De Boeck Université. 1999. 24,5 x 23 cm, 369 p. il.

Resenhado por Pedro Ignácio Schmitz. Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, bolsista do CNPq.

Não é fácil encontrar um compêndio da história humana dos dois primeiros milhões de anos que seja acessível a qualquer cidadão de mediana cultura e que se leia com o interesse e a facilidade de um livro de literatura. Os obstáculos colocados pela enumeração de incontáveis nomes de culturas, tradições e estilos, por grandes listas de datas e pelos quadros detalhando minúsculas diferenças entre artefatos e técnicas podem tornar estes livros muito aborrecidos, especialmente para leitores afastados das tradições universitárias do Primeiro Mundo.

O livro escrito por M. Otte, D. Vialou e P. Plumet trata esse mesmo conteúdo e o demonstra com os mesmos materiais, mas

consegue dar-lhe um aspeto dinâmico, onde o texto se alterna e complementa com inúmeras figuras, que, em vez de interromper, continuam a exposição organicamente.

O livro está dividido em três partes desiguais: A primeira, mais ampla, de Marcel Otte, trata os seguintes temas: conceitos e métodos, primatologia, os Australopitécos, o Paleolítico Inferior, o Paleolítico Médio, o Paleolítico Superior, o Mesolítico. Em cada uma das divisões o autor trata do conceito do período, da biologia da população humana, do ambiente, da cronologia, das técnicas e artefatos, das tradições, do assentamento, da sociedade, da economia e dos aspectos espirituais.

A segunda parte, de Denis Vialou, trata da arte paleolítica e tem os seguintes capítulos: as formas da arte paleolítica, arte móvel, arte parietal, arte rupestre, cronologia, principais conjuntos iconográficos.

A terceira parte, escrita por Patrick Plumet, trata da pré-história da América do Norte e do Ártico. Aborda os seguintes itens: particularidades da arqueologia pré-histórica na América do Norte, o meio e suas transformações, o problema de um primeiro povoamento da América no Pleistoceno, o Paleoíndio ou os caçadores especializados da América do Norte, o Alasca e o Subártico ocidental, o Ártico canadense e a Groenlândia, o Arcaico.

Marcel Otte é professor de pré-história na Université de Liège, Denis Vialou é professor no Institut de Paléontologie Humaine (Paris), Patrick Plumet é professor de pré-história na Université de Montreal.

Na leitura do texto percebe-se que o mesmo está pensado principalmente para leitores (e alunos) do Primeiro Mundo e, por isso, a pré-história do resto do globo, com exceção da América do Norte, tem apenas menções ocasionais.

Mas para professores e alunos de programas básicos de Pré-história o livro pode ser muito útil pela atualidade das informações, facilidade de leitura e extraordinária ilustração.